

# A ILUSTRAÇÃO

PARIS

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : 13, QUAI VOLTAIRE

Dirigir todos os pedidos de assignaturas e numero avulso : em Portugal ao sr. DAVID CORAZZI, 42, rua da Aclarea, LISBOA; e no Brazil ao sr. JOSÉ DE MELLO, 34, rua da Quitanda RIO DE JANEIRO.  
Preço do numero à Paris, 1 franc.

6.º ANNO. — VOLUME VI. — N.º 12

PARIS 20 DE JUNHO DE 1889

Gerente em Portugal e Brazil : DAVID CORAZZI.

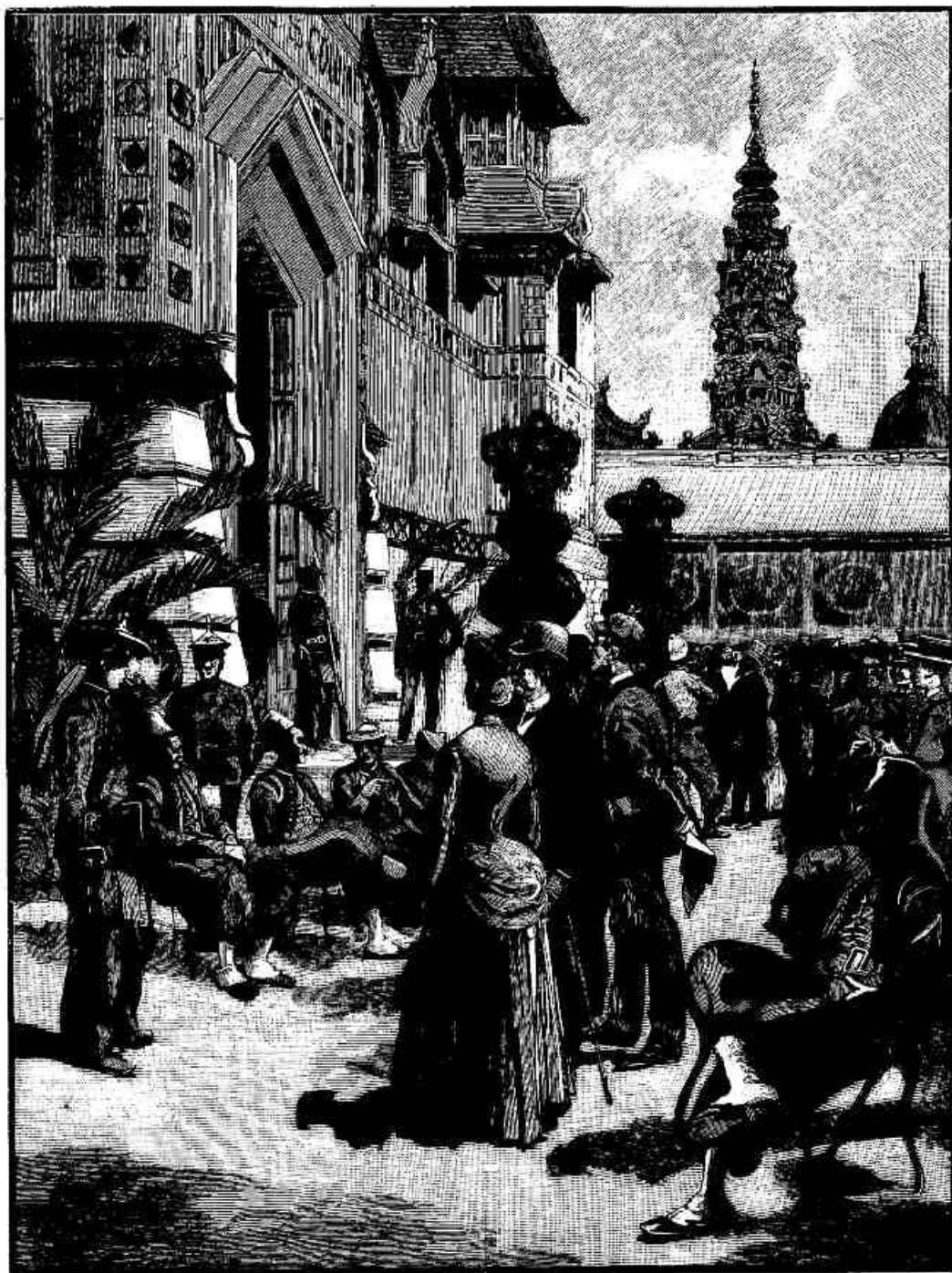
RIO DE JANEIRO

JOSÉ DE MELLO, 34, RUA DA QUITANDA.

ASSIGNATURAS :

ANNO (CÔRTE) . . . . .	12.000 REIS.
SEMPRE (CÔRTE) . . . . .	6.000 —
ANNO (PROVINCIA) . . . . .	14.000 —
AVULSO . . . . .	300 —

ABRIR ESTE NUMERO COM TODO O GUIDADO



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — SOLDADOS INDIGENAS DIANTE DO PALÁCIO DAS COLÓNIAIS FRANÇEZAS.



## CHRONICA

### ARTE PORTUGUEZA

O JURY d'escultura do Salon de Paris acaba de conferir uma menção honrosa ao moço escultor português, sr. Teixeira Lopes, pela sua estatua *Jeunesse de Caím*, exposta no Palácio da Indústria.

O sr. Teixeira Lopes, que foi discípulo do grande e mallogrado artista Soares dos Reis, é auctor da bella estatua *Ophelia*, exposta no Salon do anno findo, e que os leitores da *Illustração* conhecem por um desenho da estatua feito pelo proprio artista.

Consideramo-lo pois como um collaborador da *Illustração*. E é portanto com duplo prazer e com dobrado enthusiasmo que eu d'aqui o felicito, — cheio d'orgulho por ver que em Portugal ainda vão apparecendo artistas... apesar do modo ignominioso como os governos abandonaram por mãos d'ignorantes, de reacccionarios e de burocratas, os destinos da nossa educação artistica, a direcção das nossas escolas de bellas-artes!

Eu não sei de que barro especial são feitos os artistas portuguezes! O que sei é que elles não são feitos do mesmo barro donde saem amannucens, alferes, deputados e outros inúteis do meu paiz, — porque apesar de serem submettidos aos cursos mais idiotas, aos concursos mais injustos e mais immoraes; apesar de verem todos os dias o nenhum caso que o Estado faz dos nossos artistas; apesar de verem o fim dos artistas de genio portuguezes, como Soares dos Reis... ainda tem a coragem de quererem ser artistas, e ainda tem dentro em si bastante fogo sagrado para chegarem a Paris e obterem successos no Salon, como o que acaba de obter o sr. Teixeira Lopes!

Ora quando é que em nome da dignidade da Arte portugueza, e em signal de respeito pela coragem de que os nossos artistas dão todos os dias tamanhas provas, — um d'esses senhores deputados da nação se ha de levantar da sua cadeira e propor ao parlamento para que seja votada uma verba annual d'alguns contos de reis, autorisando o ministerio do reino a comprar as obras dos artistas portuguezes, e formando assim, no nosso museu, um museu d'arte puramente nacional?...

Quando?...

Ora eu lhes digo já... Quando entrar as nortas de São Bento um deputado que perceba porque razão é mais bella uma paisagem de Silva Porto, do que uma paisagem de cortiça, feita por um curioso; que perceba para que serve um museu de pintura; e que saiba explicar a razão porque é mais bello o *Desterrado* de Soares dos Reis, do que a palmatoria do largo de São Roque, — ou porque é mais bella a torre de Belem, do que qualquer gazometro da Companhia do gaz!...

Enquanto esse homem raro e illustre não surgir no firmamento da politica portugueza, a Arte portugueza continuará vivendo à sombra das esmollas dos particulares, sem a minima protecção dos governos que consomem todos os rendimentos do meu paiz em Himalayas de carneiro com baistas e em Mississippes de carrascão e *linho verde*, para terem pelo seu lado o bello do Suffragio universal!...

Apesar da má fama que cobre o meu nome nas regiões officiaes onde de seculo a seculo se

falla de Arte; attendendo a que nem um só dos « mangas d'alpaca » que governam a Academia de Lisboa se privaria da luxuria de me metter uma bola nos miolos, se entre mim e esses illustres meliores os legisladores não se tivessem lambreado de collocar um Código penal; — apesar da má fama de que eu gozo junto da Direcção geral d'instrução publica do meu paiz, nem por isso resisto á tentação de fazer uma supplica ao Ex.<sup>mo</sup> Ministro do Reino, se os acaes da sorte quizerem que estas linhas venham a cahir sob o olhar magnanimo de sua excellencia.

Eu sei, Ex.<sup>mo</sup> Ministro, que os peritos que o Estado costuma consultar em materia d'Arte, lhe vão dizer:

— Em primeiro lugar: que eu sou um grande patife, porque me rio de todos elles, não porque os seus narizes sejam ridiculos, mas porque esses figurões não tem absolutamente nada, nem mesmo teias d'aranha, no sitio em que geralmente os outros homens tem ideias.

— Em segundo lugar: que é mais util para o paiz augmentar os ordenados aos burocratas, que passam por artistas e ensinam nas nossas academias, do que auxiliar aquelles que, fugindo á degradante influencia d'essas mesmas academias, procuram elevar-se á altura dos artistas independentes de toda a Europa...

Dixemos em paz os bons peritos da boa Direcção geral d'instrução publica. Que funebre não seria a nossa existencia se elles deixassem de existir, ou se elles acordassem um dia com alguma ideia! Esses peritos são a nossa alegria e a nossa distracção... Elles precisam ser o que são, saber o que sabem, pensar o que pensam, e dizer o que dizem, para rirmos um bocadinho...

Imagine V. Ex.<sup>a</sup> que esses peritos do bellas-artes passavam a entender alguma coisa d'Arte; passavam finalmente a ser d'alguma utilidade para o paiz!... Seria uma semsaboria, seria um escandalo, — seria uma indignidade! Seria preciso demittir-os, e procurar outros do mesmo quillate. Ora aqui é que a difficuldade começa...

Como elles; como elles actualmente são; não ha, não houve, nem torna a haver iguaes. Não precisamos que esses peritos existam, vivam, e aconselhem ou ordenem coisas, — justamente para vermos a que decadencia chegaram entre nós as Academias de Bellas-Artes; e que toda a reforma que ha a fazer ha de consistir em tudo demittir irremediavelmente, e tudo fazer de novo...

A minha supplica, Ex.<sup>mo</sup> Ministro do Reino, reduz-se ao seguinte:

— Eu peço ao Estado que adquira para o nosso museu nacional de Bellas-Artes, todas as obras de artistas portuguezes que forem premiadas pelo jury do « Salon » de Paris.

Parece-me que para nós não pode haver jury mais imparcial nem mais competente para ajulizar dos trabalhos dos artistas portuguezes, como é o Jury dos artistas francezes. E quer-me parecer que só haveria applausos em todo o paiz, de cada vez que o Ministerio do Reino mandasse comprar as obras d'aquelles dos nossos artistas que merecessem do jury francez uma distincção, como a que acaba de merecer o sr. Teixeira Lopes.

Comprando as obras premiadas em Paris iniciava-se assim uma galeria d'honra de arte portugueza. Podiamos mostrar aos extrangeiros os trabalhos dos nossos artistas aclamados no primeiro centro artistico do mundo. E este interesse que o Estado começava a tomar pela Arte; e esta galeria d'honra do nosso museu, que seria para portuguezes tão honrosa como é o museu do Luxembourg para os francezes; — seriam o mais poderoso estimulo que jámais tem havido para portuguezes nacionaes.

Que mais bem empregado dinheiro, do que na compra do quadro que o jury francez co-

roou; ou na encomenda em marmore ou bronze da estatua que esse mesmo jury houve por bem distinguir?...

Ou eu não sei o que digo, desgraça que tem succedido a muita gente boa, — ou nada me parece mais digno, do que o Estado comprar essas obras que tanto honram o nome portuguez, recompensando d'algum modo os esforços dos nossos artistas, que representam melhor Portugal no extrangeiro do que certos diplomatas que j'agam que a primeira condição para bem representar a sua terra, não é ter duzias d'ideias: — é ter gravatas brancas ás duzias!...

Dito isto, queira o Ex.<sup>mo</sup> Ministro do Reino perdoar o meu grande atrevimento, e mais as heresias que acima deixo expostas.

MARIANO PINA.



### ANTHOLOGIA PORTUGUEZA

#### ENGETADINHA

— De que choras tu, anjinho?  
— Tenho fome e tenho frio.  
— E só por este caminho,  
Como a ave que cahiu  
Ainda implorae do ninho!  
A tua mãe já não vive?  
— Nunca a vi em minha vida,  
Andei sempre assim perdida  
E mãe por certo não tive.  
— És mais feliz do que eu,  
Que tive mãe e morreu.

JOÃO DE DEUS.

#### A VIDA

Comparo a vida n'este mundo incerto  
A uma limpida taça mysteriosa  
Que nas vem collocar dos labios perto  
Alguna branca fada vaporosa.

São as primeiras gotas que bebemos  
Tão repletas d'aroma e de doçura,  
Que nunca mais, saudosos, esqueçemos:  
Bebida que nos deu tanta ventura.

Pelos dias de nossa juventude  
O nectar causa um delicioso espasmo,  
Quando nos dá com a viva saúde  
O immenso amor e o fervido enthusiasmo.

Mas pouco a pouco evola-se a ventura;  
A taça perde o saboroso mel;  
O que era doce torna-se amargura  
E para se viver bebe-se fel.

Resta contar um ultimo segredo.  
Partir a taça é infallivel sorte.  
Quando a partimos, seja tarde ou cedo...  
Quando a partimos, apparece a morte.

BERNARDO LUCAS

#### O NOSSO PROXIMO NUMERO

No proximo numero da *Illustração*, offereçamos aos nossos leitores uma reprodução da estatua

JEUNESSE DE CAIM

TEIXEIRA LOPES

estatua que mereceu uma menção honrosa do jury do « Salon », — e o croquis do quadro de SALGADO

o distincto pensionista da Academia de Lisboa, croquis feito pelo auctor expressamente para a nossa *Illustração*.

E continuaremos a serie das nossas gravuras acerca da grande

EXPOSIÇÃO DE PARIS





## AS NOSSAS GRAVURAS

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS.  
A SECÇÃO COLONIAL.

**C**ONFORME prometemos no passado numero, a *Illustração* offerece hoje aos seus leitores uma grande gravura representando toda a esplanada dos Invalidos onde se acha installada a exposição das colonias francezas, o que constitue pelo seu pittoresco uma das maravilhas da Exposição de Paris.

Só ali se vêem minaretes, zimbórios, torres de estilo grego, cupulas brancas que sustentem a metalla oriental, — além da imponente fachada da exposição do ministério da guerra, precedida d'uma formidável entrada de castello feudal, interessantissima mostra de arquitectura militar da idade media, devida ao talento de M. Walwein.

Tambem na esplanada dos Invalidos se admira um bello pavilhão da exposição de Hygiene, desenhado e construido por M. Girault. O architecto Ballu é autor do pavilhão da exposição argelina; o sr. Sauvestre, do pavilhão central das colonias francezas.

Os visitantes da esplanada dos Invalidos pãram com passo diante do templo indiano; e do elegante minarete da Cubba de Sidi-bon-Auz, que domina todo o conjunto da secção tunisina. Nas construcções d'esta secção, o seu architecto Henri S. ladin soube reunir as mais delicadas amostras da architectura oriental. As arcadas da fachada são inspiradas das famosas arcadas de Bardo; o zimbório central é a reprodução exacta do Mihrab da mesquita de Kéruan; e a *loggia* é mesmo tirada d'uma casa tunisina... Ha lá dentro sucos ou bazares cobertos; um pãter interior forrado de fayas e azulões coloridos; um café-restaurante; e sombra d'um grande tãto de arvores; uma escola, etc., etc. E tudo isto cheio de riquezas de Tunis, de estofos, de tapetes, de ceramicas, de obras d'arte... finalmente de todas as supprous que se queiram phantasiar.

Esta parte da Exposição de Paris é incontestavelmente uma das mais brilhantes, não só pela sua organização, como tambem e principalmente pelo seu pittoresco. Foi por isso que a *Illustração* julgou do seu dever fazer o grande sacrificio de reunir n'uma immensa gravura os mais pittorescos aspectos da esplanada dos Invalidos.

Tambem ali se admira um grande panorama: o *Tout-Paris*, obra do sr. Castellani. Esse panorama, como o seu nome o indica, representa todos as celebidades parisienses do nosso tempo — homens politicos, homens de sciencia, homens de letras, artistas, aristocratas, millionarios, illustres militares e illustres marinheiros, etc.

Ainda diz respeito a secção colonial da Exposição de Paris a gravura que hoje orná a primeira pagina da nossa *Illustração*. Representa os diferentes tipos indigenas vindos das colonias francezas para Paris, para fazerem a guarda dos diferentes pavilhões durante o periodo da Exposição. Destacam-se principalmente os capães de India franceza; os atiradores do Senegal; os atiradores Sikavos, recrutados entre os indigenas de Madagascar; os atiradores do Tonkin; os caçadores anamitas, etc.

Quando vemos todas essas maravilhas d'organização da exposição colonial franceza, e vemos o que Portugal costuma mandar de estrangeiro como amostra das suas riquissimas colonias, como e que manda este anno a Paris, — confange-se-nos o coração ao pensar que podendo ainda nós ser os primeiros em assumptos colonias, deixamos todos os países que vieram depois de nós tomarem-nos o passo, deixando-nos no ridiculo...!

E de quem é a culpa?... Não será de todos esses nobres politicos que não pensam em eleições e em intrigas sobras arcadas do Terreiro do Paço, sem se importarem com o que herdamos de nossos avós, e que havemos fatalmente de perder, por falta de dignidade, por falta de patriotismo?...!

Ha países na Europa que tem colonias ha meia duzia de annos, e das quaes expõem innumeras riquezas e curiosidades; em quanto que nós só temos para expor um poquinho e por vezes ridiculo *brie-d-brac*; e nada que nos dê uma ideia da progressão constante do solo, e dos meios de transporte até nos mercados europeus...

Somos positivamente, em assumptos de utilidade e interesse nacional, os verdadeiros cretinos do occidente! Quando nos poderemos livrar da rotina burocratica, e quando nos poderemos curar d'essa medonha camada de politicos, que nos avilta e nos inutiliza quotidianamente?...!

Agradecemos vivamente a todos os nossos collegas da imprensa portugueza as palavras de elogio com que tem acolhido os ultimos numeros da *Illustração*.

Premettamos por o publico luso-brasileiro ao facto de tudo quanto se passasse de mais curioso e de mais pittoresco em Paris durante a Exposição. Assim o prometemos e assim o estamos fazendo.

Queremos que a nossa *Illustração* seja a unica publicação em lingua portugueza capaz de dizer ao publico dos dois países o que é a Exposição de 1889. Parece-nos que bem procuramos realisar as nossas ambições.

E não nos poupamos a esforços nem sacrificios, porque vemos os nossos numeros elogiados por toda a imprensa, e procurados com tamanha avides pelo publico, que já fomos obrigados a fazer nova edição dos n.ºs 9, 10 e 11 da *Illustração*.

A imprensa e o publico estão do nosso lado, animando-nos. Tudo quanto fizermos e pouco, para lhes provarmos todo nossa a gratidão.

## EXPOSIÇÃO UNIVERSAL. — A VISTA GERAL DO CAMPO DE MARTE.

O aspecto que hoje apresenta o Campo de Marte já tem sido descrito circumstanciadamente em varios artigos das nossas gravuras passadas. E um Paris dentro de Paris, uma pequena Babilonia dentro d'outra Babilonia — eis em resumo o que vem a ser essa grandiosa e monumental Exposição que é o assombro do novo e velho mundo.

Na gravura que hoje publicamos na *Illustração* — vemos dominando o fundo da scena, como braço de ferro gigantesco, essa bellas soberba torre Eiffel que é verdadeiramente a *clou* da Exposição.

Uma esplanada á primeira ou segunda plataforma da torre é hoje o ideal e o vivo desejo de todos os que fazem o que tomamos fazer uma viagem até Paris. E realmente vale a pena!

O panorama que se deslinda da segunda plataforma — por exemplo — é admiravel! Olhando immediatamente em volta de nós vemos todo o departamento do Sena e mesmo quasi todo o departamento de Sena-e-Oise. E depois é Paris, com a infinitude das suas chaminés, das suas praças arborescadas, das suas cupulas cor d'ouro, alem Montmartre, mais alem São Diniz; mais para direita a verdura do *Père Lachaise*, as alturas de Vincennes, e as dezenas de pittorescas colinas que envolvem esta cidade desde *Saint-Ouen* até *Montreuil* e *Saint Cloud*. Mas aos nossos pés o espectáculo é ainda mais pittoresco — são as *pelouses* em todos os tons verdes dos jardins do Campo de Marte, os torreões dourados dos pavilhões e no fundo a bella cupula da entrada principal.

O poço em baixo parece-nos um formigueiro, sobretudo aos domingos, quando a onda dos 200 a 300 mil visitantes invade todo o recinto da Exposição.

O desenho da nossa gravura foi feito do lado dos jardins do Trocadero. No principio plano vemos á nossa direita o pavilhão das florestas e á nossa esquerda acha-se o pavilhão do ministério das obras publicas, onde se encontram muitas photographias do Caminho de ferro de Salamanca á Barra d'Alva e outras photographias das obras do Tejo.

Vêm-se tambem n'esta mesma gravura as interessantes e curiosas *passarellas* e a ponte d'Arna coberta d'um toldo do começo ao fim. E immediatamente principiam a deslizar diante dos nossos olhos os pavilhões e galerias do Campo de Marte, desde a Historia da habitação humana, até terminar na galeria das Machinas.

## EXPOSIÇÃO UNIVERSAL. — HISTORIA DA HABITAÇÃO HUMANA.

(Continuação do nosso numero passado)

Como deixámos dito, o sr. Carlos Garnier o construtor d'este interessante trecho da actual

Exposição, dividiu o seu trabalho em duas partes: o periodo prehistorico e o periodo historico. No nosso numero passado da *Illustração* apresentamos os tipos das casas prehistoricas e muitas outras do periodo historico.

Vamos continuar com este mesmo periodo. Na nossa gravura vemos a habitação dos *pelegrins*, e seguem-se depois a casa *etrusca*, 1000 annos antes da era christi. Esta habitação acha-se mobiliada com amphoras, vasos, leitos e mezas, tudo da epocha.

A casa *hindu* tem duas torres d'um feito muito pittoresco, cheias das ricas colleções da India e sobretudo do valle da Cachemira, d'onde vem os famosos chales que se usam na Europa.

Temos depois a casa *persa* que é um modelo das mais antigas construcções persas e distingue-se pela sua cupula d'um azul magnifico. E' habitada por varios muizos de Teheran.

As habitações gaelesas são tambem muito interessantes.

Seguem-se depois a casa *grega* do tempo do Pericles onde se vende mal do Hyemettus; e a casa romana do tempo do imperador Augusto, toda decorada com pinturas pompeianas, segundo os processos antigos.

A casa *galla-romana* do tempo de Clovis — dos primeiros annos da monarchia franceza — é tambem digna de especial attenção.

Continuaremos no proximo numero da nossa revista com a descripção da ultima parte da tão curiosa e pittoresca historia da habitação humana — que é sem duvida um dos mais bellos monumentos artisticos do Campo de Marte, onde com tudo não faltam para admirar, boas e soberbas cousas...



## SOROR NATALIA

**N**ADA mais desejo que restabelecer, na sua primitiva simplicidade, uma curiosa lenda hespanhola, antes que *NADA* arrebiques e commentarios d'algum moderno compilador a possam destituir em apontamentos historicos.

Em tempos que já lá vão, ergue-se á beira de uma estrada tortuosa da Andaluzia, um convento de freiras da ordem terciaria de S. Francisco; — esse mosteiro, se bem que estivesse ao pé d'outros que se ajudavam reciprocamente, era sobretudo protegido pela veneração que nesses tempos impunha a presença de qualquer enorme cruz n'um portal onde um sino tocava duas vezes ao dia.

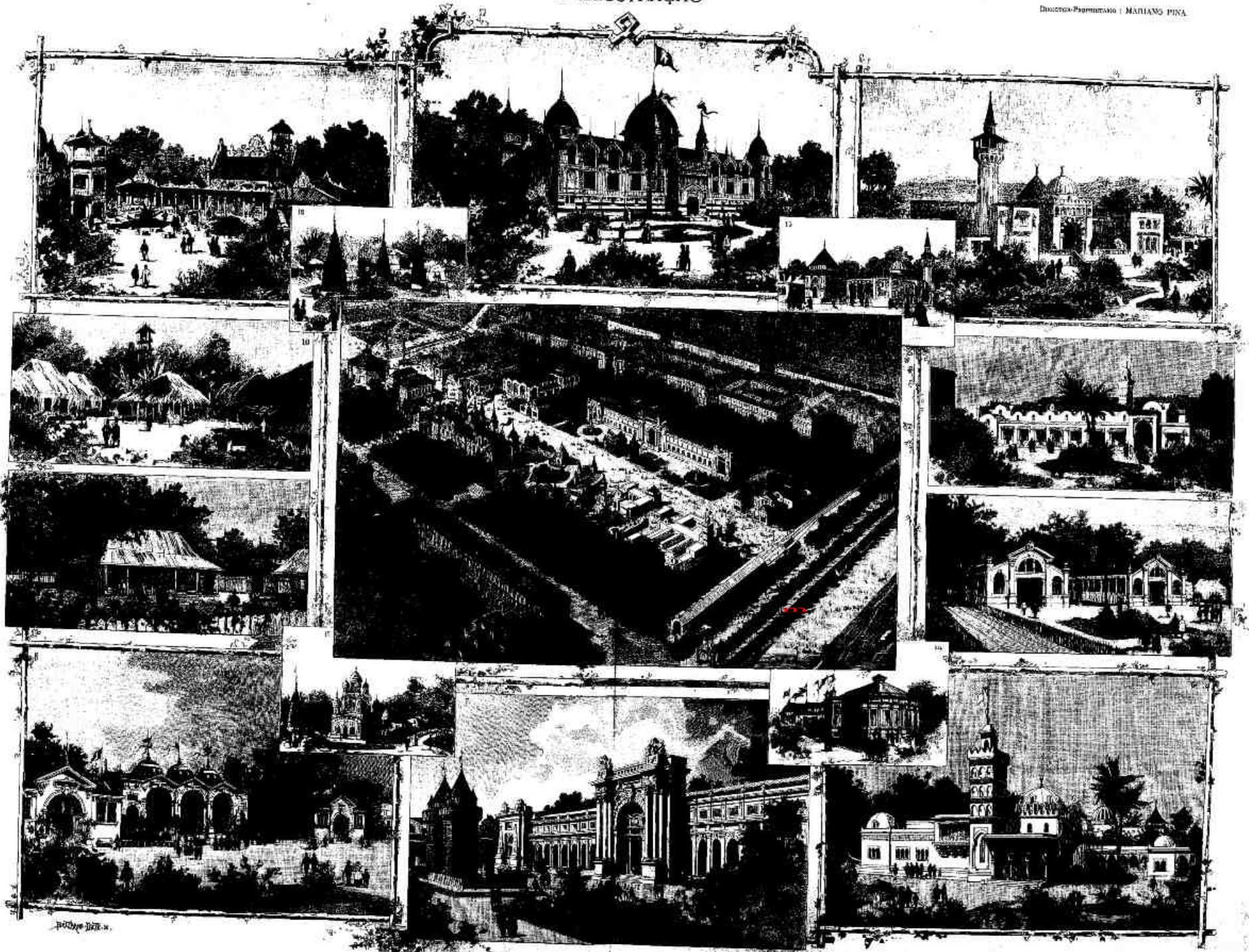
A esnada, e uma extensa capella, cujo portal, sempre aberto, sobrepuja tres degraus, marginalavam de um lado o muro do convento. Em volta, fertois campinas, arvores cheirosas, o herve dos vallados, a solidão, o caminho poeirento...

Nessa capella, á hora d'um desfallecido crepusculo de outono, achava-se ajoelhada uma joven noviza, de uma formosura iagenua e tocante. Estava deante de um nicho, aberto n'um pilar, de onde pendia uma lampada de ouro, solitaria, alumiando uma Nossa Senhora de olhos baixos, as mãos abertas, gotejantes de graças radiosas — Mãe-Grisea na attitude do « Ecce ancilla ».

Omnia-se, partindo da estrada, através das janellas envidraçadas, a voz fresca e sonora de um cantor de serenata, que os sons d'um bandolim cordovense acompanhavam. As languosas palayras ardentes do pãlido, d'amor, juven-tudes, chegavam até á egreja, onde sobre Natalia, a noviza, ajoelhada, a cabeça pendida sobre os braços encruzados, murmurava aos pés da Madona, n'uma voz afflicta:

— « Senhora, bem o védes, choro, supplicavo, não me retireis a vossa compaixão; é desfallecida e angustiosa — com a vossa imagem santa no mais íntimo do meu pezar — que eu vou sahir d'aqui. O' casta Rainha, tende piedade d'aquella que, por um amor brutal, foge

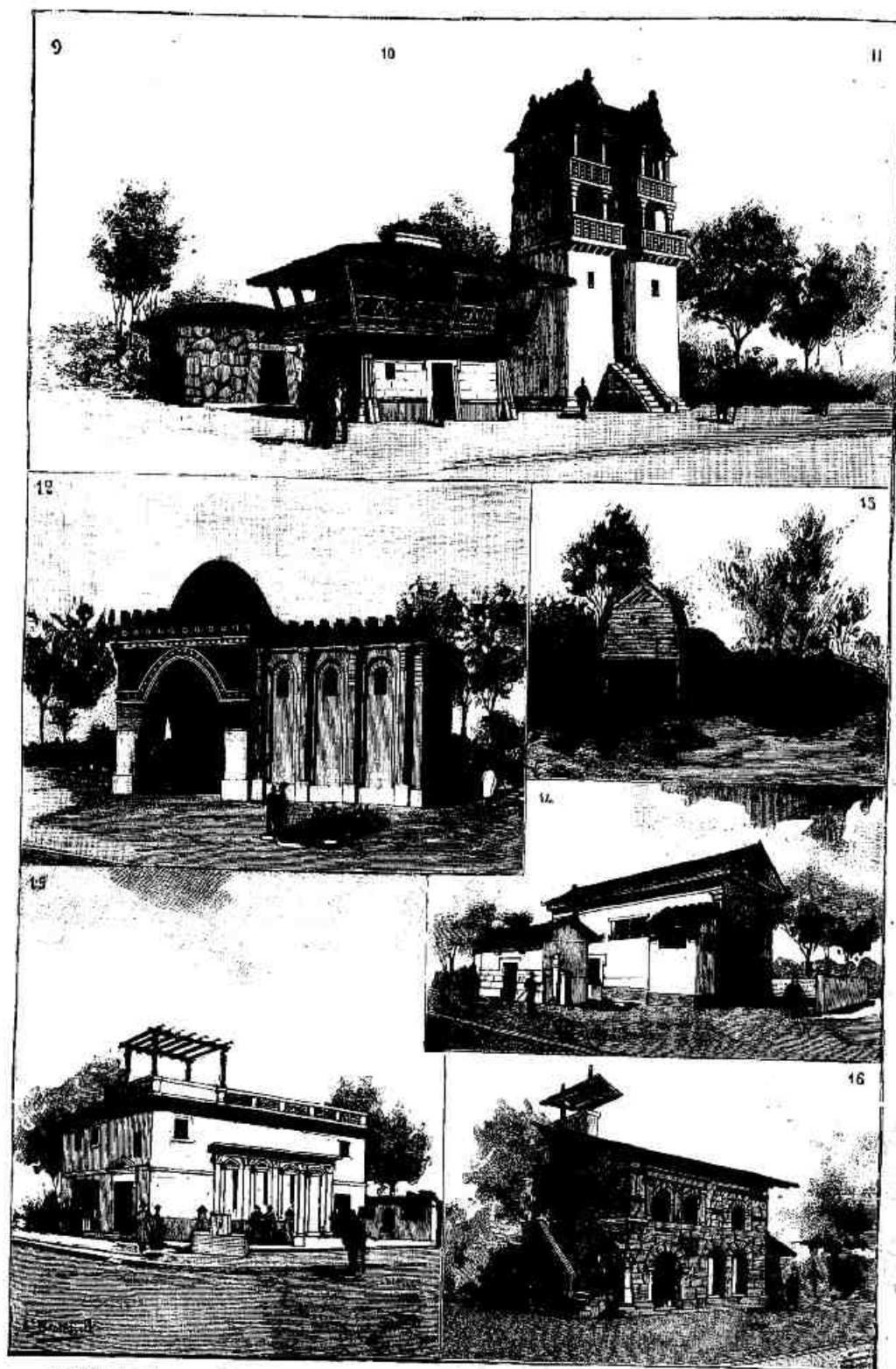




1. Vista geral. — 2. Palácio central das colónias francesas. — 3. Ruínas de Tebas. — 4. O Brasil tropical. — 5. Ruínas das pirâmides egípcias. — 6. Pedra de Argila. — 7. Representação do matine de guerra. — 8. Templo de Júpiter. — 9. Medição da habitação de colónias socializadas na Nova-Guinéa. — 10. Uma cidade no Tíbet. — 11. Pedra de Cochitlán e do México. — 12. Casa de Georges. — 13. Pedra de Tebas, lado da entrada. — 14. Dinastia do Vietnã. — 15. Templo indiano.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS. — A SECÇÃO COLONIAL NA ESPLANADA DOS INVALIDOS





9. Habitação dos persas. — 10. Casa árabe (1000 antes de Jesus-Christo). — 11. Casa hindu (300 antes de Jesus-Christo). — 12. Casa persa.  
13. Habitação grega e romana. — 14. Casa grega do tempo de Pericles. — 15. Casa romana do tempo d'Augusto. — 16. Casa góthica do tempo de Clotário.

EXPOSIÇÃO DE PARIS. — A HISTÓRIA DA HERANÇA HUMANA.

(Continuação do último número da « Ilustração »)



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — VISTA GERAL DO CAMPO DE MARTE, TOMADA D'UMA TORRE DO PALACIO DO TROCADERO.

da manção da graça! Ouvi esta voz, implorame na sua fervorosa fidelidade! Se não vou ao seu encontro, elle morre! Os seus delírios supportados tanto tempo sem esperança e sem queixa, como condemnal-os! E resistir a não consolar quem tanto ama! Bem subeis quanto vos amo, Senhora, e que todas as tardes o meu maior prazer era resar aqui, ante vós, perdoame! Aqui tendes o meu veu, a chave da minha cela; deponho-os a vossos pés, mas não posso mais... suffoco! aquella voz... atrahe-me!... adeus... adeus!

De pé, cambaleante, sem ousar erguer a vista, sorrir Natalia poz o veu e a chave sobre os pés da Virgem de manto azul, rosto docemente illuminado e olhos baixos também, — mas para que Deus e para que estrelas! — Em seguida, apoiando-se aos pilares, alcançou o portal e um instante depois entreabriu-o: desceu os degraus e achou-se na estrada, que se estendia ao longe, ao clorido de uma lua grande, banhando de luz os campos.

— Dom João!... — gritou ella.

Um cavalleiro, um juvenil senho, perfil dominante, olhos accessos de jubilo, surgiu, e saltando abaixo do cavallo, envolveu na sua capa aquella que tinha enfim vindo ter com elle.

— Oh! Natalia! — disse o cavalleiro.

Estreitando-a nos seus braços, sobre o cavallo, partiram rapido na direcção do solar, de cujas torres apparecia o vulto sombrio, tocado pelo luar.

•••

Foram seis mezas de festas, de amor, d'encantadoras viagens pela Italia, em Florença, em Roma e em Veneza, — elle alegre, ella muito vez pensativa: as caricias do seu ardente raptor, embragadoras e doidas, não eram as que a innocencia do seu coração esperava.

Repentinamente, de volta a Cadiz n'uma manhã de nublado, sem que uma simples palavra a prevenisse, despertou sósinha, sem annel de noiva, mesmo sem a alegria de um filho; — o amante, suicido d'ella, desaparecera...

Suspirando profundamente, deixou cahir o triste bilhete que lhe annunciava a solidão, e não se lastimou, resolveu a deixar de existir.

Passadas algumas horas, tendo repartido pelos pobres o dinheiro que lhe restava, no proprio momento de se libertar da vida, um pensamento — estranho pensamento — a opprimiu: tornar a vêr, ainda uma vez, uma unica vez, n'um ultimo adeus, a Madona que tanto adorou.

Agora vestida de penitente, e mendigando pelo caminho uma coada de pão, dirige-se para o mosteiro — só para a capella: — não lhe era já permitido recolher-se entre as virgens fieis.

Depois de alguns dias de marcha, no crepusculo d'uma bella noite de verão recamada de astros, chegou tremula, extenuada deante, do santo portal.

Lembraram-lhe as suas antigas companheiras a essa hora recolhidas em oração pelas cellas; e sob as altias naves a igreja devia estar tão deserta como na noite da fuga. Empurrou a porta e examinou: — ninguém. Unicamente ao fundo a Madona illuminada pela lampada.

Entrou, depois avançando para a sua celeste amiga, com os dois joelhos sobre as lajes brancas, balbuciou entre soluços, inclinada aos pés d'aquella que perdôa:

— Senhora! Sou indigna da tua piedade! Ignorava então a tenadora voz, que me suppliava. Ah! não conhecia os opprobrios, as mentiras, o abandono, que o amor mortal nos reserva. Oh! devia morrer d'esta vergonha, expulsa d'entre os meus; d'aqui principalmente. Mãe, qual das tuas filhas deixaria de me acolher com signaes de horror, apontando-me a porta d'esta capella! Perdi a esperança que quer dar consolação!

•••

Então, enquanto as lagrimas silenciosas de Natalia cahiam banhando os pés da Divina

Elcila e a joven ergula para a Madona um supremo olhar, na amargura da despedida, um extatis subito fêl-a estremecer vendo os olhos sagrados dirigirem-se para elle, os labios da estatuza entreabrirem-se, e a Mãe Celestiadizer-lhe suavemente:

— Esqueceu-te, minha filha, que me confiaste o veu e a chave da tua cela antes de nos deixares? Substitui-te n'este convento, cumprindo sob o teu veu, todas as imposições dos teus votos: nenhuma das tuas companheiras percebeu a ausencia; retoma o que me confiaste: torna a entrar na tua cela... nunca mais nos abandones!...

VILLIERS DE L'ISLE ADAM.

## A REVISTA DAS REVISTAS

### A TEMPERATURA DO AÇO

O « Dinger's Journal », indica as seguintes ligas de chumbo e estanho, de que conhece precisamente a fusão, como particularmente proprias a comunicar aos objectos de aço que n'ella se mergulhem o grau desejado de dureza, sem apresentar o risco de exceder a temperatura correspondente.

Para a dureza do vidro, conveniente para instrumentos de chirurgia 1,75 partes de chumbo e 1 de estanho.

Para a dureza especial requisitada para facas e buris, 2 partes de chumbo e 1 de estanho.

Para a dureza pronunciada, conveniente para hesouras, escalpellos, de 3,50 partes de chumbo e 1 de estanho.

Para a dureza ordinaria, para serrotes, machados de 4,60 partes de chumbo e 1 de estanho.

Para a dureza inferior, para facas de meza, 8,50 partes de chumbo e 1 de estanho.

Para a dureza mediocre, para pequenas mollos e sabres, 12 partes de chumbo e 1 de estanho.

Para pouca dureza, para limas finas, 25 partes de chumbo e 1 de estanho.

## TSARINE

### ESTATISTICA DAS EXPOSIÇÕES

Eis algumas cifras destinadas a completar a estatística das Exposições francezas.

Como é sabido as despesas com a actual Exposição, comprehendendo os 46 milhões de francos fornecidos pelo estado, cidade de Paris e sociedade dos bons reembolsaveis, indemnisações aos empregados civis e militares, o custo das recompensas e festas publicas — são de 51 milhões de francos.

Em 1878 os creditos fixos, comprehendendo os 10 milhões da construção do Trocadero, foram 45 milhões, mas houve depois necessidade de 30 milhões de creditos supplementares, e a despesa elevou-se a 65 milhões. As receitas não atingiram 25 milhões; e portanto houve um deficit de 40 milhões, ou de mais de 30 milhões, se não incluímos o palacio do Trocadero.

Em 1867 o deficit não passou de 8 milhões. Ora este anno não se podem reproduzir mesmo as contas de 1878, porque as despesas de construção avaliadas em 36 milhões não chegavam no fim d'abril a 30 milhões de francos.

A exposição universal de 1855 que se realizou em Paris, durante a guerra da Crimea contava 24.000 expositores. A de 1867 tinha 30.226 e o numero dos assistentes foi de 9.062.965.

Em 1878 houve 16.062.968 visitantes, ou seja 12.741.666 visitantes de bilhetes pagos e 3.360.433 com cartas de serviço e de favor.

Durante o periodo da Exposição de 1878 os cinco ramos de caminho de ferro conduziram a Paris 12.154.905 viajantes. Desde o 1.º de maio de 1878 até 31 d'outubro de 1878 os quartos mobilados tiveram 571.172 locatarios, dos quaes 218.622 eram estrangeiros.

Em igual periodo a receita dos theatros que havia sido em 1877 de 8.255.931 francos elevou-se em 1878 durante a exposição a 18.573.009 francos.

Com as barreiras dá-se um caso curioso: as receitas em 1877 eram de 125 milhões, no anno da exposição de 1878 elevaram-se a 132 milhões, mas nos annos que se seguiram, cresceram sempre, em

1879 chegaram a 136 milhões e em 1880 a 142.

Com as exposições o grande movimento de prosperidade é muito ficticio. A vida é excessivamente cara em Paris, e essa elevação de preços nos generos de primeira necessidade conserva-se para alem das exposições.

### NOVO TECIDO PARA FATO.

O director da repartição dos equipamentos para o exercito e marinha em Inglaterra, acaba de inventar um tecido do novo genero. E' um punho cuja trama é de cortiça polvendo a cada o barbil ser indistinctamente de lã, seda e linho ou canhamo.

A apparencia do novo producto é igual á de outro qualquer panno, pois o fio de cortiça aceita bem a tintura.

Os fatos d'este novo tecido são tão commodos como os de outra tela, tendo porém a vantagem de sustentar ao lume da agua as pessoas que os vestem, sem que para isso tenham de fazer o minimo esforço.

### A BIBLIA DE MAZARIN

Este precioso livro encontrado ultimamente na notavel bibliotheca de lord Hopetown, acaba de ser vendido a mr. Quaribek pela quantia de 2000 libras esterlinas. Segundo o « Daily News », foi o primeiro trabalho impresso por Gutenberg, por meio de caracteres moveis de metal, e deveria assim ser chamado a Biblia do Gutenberg. Parece que a sua existencia ora desconhecida do possuidor.

E' uma Biblia em latim impressa por Gutenberg e Fust, em Munich de 1450 a 1455. E' a quarta das biblias raras e interessantes, vendidas nos ultimos 15 annos, sendo 6 exemplares de Perkins, em 1873 por 2550 libras, o Systar Parck, propriedade de sir J. Thorold em 1881, por 3900 libras, e o exemplar de lord Crawford em 1887, por libras 2650.

### VARIAS NOTICIAS

O *Annuaire du Bureau des longitudes* fornece-nos a seguinte estatística dos estados que contam uma população de mais de 40 milhões de habitantes.

São 7 esses estados a saber:

Imperio chinês.....	426 milhões.
Imperio britannico.....	285 "
Imperio russo.....	88 "
Estados Unidos.....	51 "
Imperio allemão.....	47 "
Imperio ottomano.....	46 "
Republica franceza.....	46 "

D'estes sete estados o mais extenso em superficie é o britannico, que tem vinte e dois milhões de kilometros quadrados. Segue-se o russo com vinte e um milhões, o chinês com 11,6, os Estados Unidos 9,5 e o imperio ottomano com 6,1.

Segundo dados muito recentes, o numero total dos habitantes da terra é de 1.434 milhões de individuos, o que dá a media de 10 a 11 habitantes por kilometro quadrado, admitindo uma superficie de 136 milhões de kilometros quadrados de terra firme sobre a totalidade approximada de 510 milhões da superficie total do globo terrestre.

O paiz mais habitado relativamente á sua superficie é o antigo reino de Saxe, que conta 195 habitantes por kilometro quadrado.

Em seguida temos a Belgica com 188 habitantes, a Alemanha com 84 e a França com 71, por kilometro quadrado.

## PARIS

30, RUE MONTMOLON, 30

## GRAND HOTEL DU BRÉSIL ET DU PORTUGAL

No centro de Paris, perto da Opera, das principaes estações de estradas de ferro, das baes de vapor e das casas commerciaes brasileiras e portuguezas, este hotel é dirigido pelo proprietario e sua familia. E' o mais concorrido e preferido pelos viajantes brasileiros e portuguezes, em razão da modicidade de preços e das commodidades que offerece.

SAO PAULO REAL, VIOLLET, SAO PAULO DE THIRIAC, VIOLLET, SAO PAULO VELOUTINE

Recomendamos por vossas viagens a todos para a Região da Folia e Bellas da Costa.

## JARDIM DE PARIS

(AOS CAMPOS ELYSIOS)

Todas as noites espectáculo-concerto. — Ballo e grande festa de noite, nas terras felizes quartas, sextas e sabados.







